

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS
v. 8 n. 2 agosto 1980

*A desordem
documental no Brasil
Burocracia
e desenvolvimento*

0373 Clas. PER
& Administração
2
ago. 1980

,00

100-2244

A Universidade de Brasília, não obstante ter sido palco a partir de 1977 de vários cursos sobre o uso das técnicas de história oral, não desenvolveu qualquer programa regular até o momento.

Verifica-se, pois, que no florescente campo da história oral no Brasil já se assinalam trabalhos de algum relevo. O

movimento liderado por Allan Nevins ganha, dessa forma, uma dimensão cada vez maior. Seu sonho inicial de perpetuar, pelo registro da palavra, o pensamento e os feitos daqueles narradores pioneiros é hoje compartilhado por incontável número de praticantes das técnicas de história oral, tema já in-

cluído no programa do próximo encontro que o International Congress of the Historical Sciences realizará em Bucareste, em 1980.²³

²³ Starr, Louis. *Oral history — the first thirty years*. New York, Columbia University, 1978. p. 8. O falecimento do Professor Louis Starr foi noticiado em março de 1980.

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Por uma sistemática arquivística: marginália à obra de Vicenta Cortés

Heloísa Liberalli Bellotto*

Resumo

Na reunião de seus trabalhos, publicados de forma esparsa na Espanha e América, no campo da arquivística, Vicenta Cortés Alonso, Inspectora-Geral dos Arquivos de Espanha e professora da Universidade de Madrid e da Escola de Documentalistas, concretiza um verdadeiro tratado no qual figuram conceitos, tipologia, organização, atividades e descrição de arquivos, assim como o problema da formação profissional e o da pesquisa histórica em arquivos.

A Arquivologia — englobando a arquivística propriamente dita, os aspectos históricos, legais, burocráticos, profissionais, arquitetônicos e técnicos dos arquivos — é hoje ramo das ciências administrativas e sociais dos mais florescentes e promissores. A vitalidade crescente dos congressos, sejam os de âmbito regional ou os internacionais; o crescimento de publicações, monográficas ou seriadas; a atenção que tem merecido de governos e autoridades antes indiferentes, ou mesmo ignorantes da sua existência; a atração como profissão de livre escolha entre os jovens e o reconhecimento legal de seus profissionais são provas contundentes de seu prestígio e força.

Mesmo nos países de forte tradição arquivística (e, portanto, onde houve

sempre o reconhecimento da importância do papel administrativo e cultural dos arquivos) partiu dos anos 50, 60 e 70 o caminhar para formas associativas profissionais e para a sistematização, esta em formulações possíveis, dentro do universo especial que é cada arquivo, de *per se*, obviamente.

Por esta situação são responsáveis inúmeros fatores que não cabe aqui enumerar (mas, onde é possível destacar, dada a sua relevância, a própria necessidade de racionalização, surgida do caos da vertiginosa produção documental). Porém, não obstante todo o poder que aqueles fatores pudessem exercer sobre as administrações públicas e sobre a comunidade científica e cultural, o quadro seria bem outro se não tivéssemos contado, no momento certo, com algo que vem, uma vez mais, confirmar o aforisma: *the exact man in the exact place*.

A Arquivologia não teria ampliado desta forma seu campo de domínio, nem de possibilidades de ação e atuação, não fossem alguns idealistas, com que pôde contar nos momentos mais precisos. Alguns "empunhadores de bandeiras", sem os quais a palavra da sistematização e da valorização profissionais teria percorrido caminho muito mais árduo e lento para se fazer ouvir. Longe estaria ainda de todos aqueles que trabalham e pesquisam em arquivos; ou, o que é mais grave, longe das autoridades às quais estão subordinados.

Estas considerações nos ocorrem a propósito do mais recente lançamento bibliográfico arquivístico espanhol:

Archives de Espana y America; materiais para um manual (Madrid, Editorial de la Universidad Complutense, 1979. 382p.), de autoria de Vicenta Cortés Alonso.

É à margem da leitura dessa coletânea de alguns dos trabalhos da Inspectora-Geral dos Arquivos de Espanha, publicados na Europa e na América, ao longo de sua fecunda carreira, que poderemos sublinhar as possibilidades de uma metodização arquivística. Não normalização, desde logo não condizente com a própria natureza dos arquivos, mas as probabilidades comuns no domínio das funções, da planificação, da descrição e das atividades arquivísticas.

O pensar arquivos correntes, intermediários e permanentes como instituições a serviço da administração, da cultura, do direito, da pesquisa histórica e, como tal, verdadeiramente equipadas e instruídas, tem sido constante em todas as gestões, pronunciamentos, atuação em congressos e reuniões técnicas, publicações, cursos e conferências da Dra. Cortés. Com lógica e bom senso (este, arma indispensável diante da eterna exigüidade de verbas e recursos), sem demagogia e grandiloqüência (que seria fácil armar), ela tem transmitido a colegas, a co-partícipes em reuniões, a discípulos, a alunos, a ouvintes ocasionais e, até mesmo, a inflexíveis burocratas, um incrível entusiasmo e inabalável fé no seu *métier*.

Ora, é desta fé e daquela lógica que se reveste o livro, prenúncio de um necessário manual (exigência que é imposta, agora à autora).

*Bacharel em Biblioteconomia, licenciada e doutora em História. É pesquisadora no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde é responsável pelo Arquivo de Literatura e História. Fez cursos sobre organização de Arquivos na Espanha e na França, lecionando atualmente Arquivística na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Antecedida por um prólogo do mais importante dos historiadores vivos de Espanha, Manuel Ballesteres-Gaibrois, onde é ressaltada a importante atuação de Vicenta Cortés no magistério, na pesquisa e na inspeção de arquivos, a obra está codificada em sete grupos de trabalhos. Inicia-se por *Função dos arquivos* e termina por *Os arquivos e a pesquisa*, percorrendo em meio a *Tipos de arquivos*, *Planificação e relacionamento entre arquivos*, *Atividades dos arquivos* e uma parte dedicada a *Arquivistas*. Claro está que a problemática discutida é, eminentemente, a espanhola e a hispano-americana, sobretudo no que concerne aos arquivos coloniais. Tal característica, no entanto, não invalida os aportes teóricos e a exemplificação de que a autora faz uso para documentar suas posições. E, como tal, podem ser perfeitamente eficazes, se reelaboradas em função de outra realidade. Mormente se ela é tão próxima da exposta, como é o caso do mundo luso-americano em relação ao hispânico.

O papel social dos arquivos e as exigências de instalação, funcionamento e recursos humanos com que deve contar são os mesmos em qualquer parte do mundo. Recolher, ordenar, conservar, descrever e tornar passível de consulta toda a documentação que lhe cabe administrar é a responsabilidade de toda instituição arquivística. Para tanto, se necessita pessoal especializado e cômico de seus deveres. Aquela responsabilidade, como é fácil de entender, explícita a autora, "necesita para su completo cumplimiento unos saberes que van más allá de leer unas listas de envíos de documentos, de localización de una signatura topográfica y de averiguación de una clave. Para poder informar y asesorar en una masa grande e pequeña de documentos hay que saber qué son éstos, cuál fué su producción, qué fines los hicieron nacer, qué autoridades tenían a su cargo el trámite, qué legislación regulaba su procedimiento y alcanzaba su valor, qué contenido encierran y su conexión con otros papeles afines; es decir, se trata de la labor técnica de un archivero" (p. 14).

O trabalho técnico do arquivista — eis aí o que se nos afigura um dos problemas maiores da arquivística. É do consenso geral a impossibilidade de uma normalização para arquivos, aos

moldes da Biblioteconomia. De certa forma, tal impossibilidade representa uma espécie de "tragédia" profissional, nada podendo ser feito sem prejuízos e deformações ainda mais trágicas no que concerne à documentação. Vicenta Alonso não alude diretamente a esta questão, mas ela perpassa por todo o volume: a adequação de recursos humanos, o emprego de certas sistemáticas, as comparações, os estudos da dinâmica interna dos arquivos podem auxiliar ao termo de um benéfico ponto comum que estructure bases para, a seguir, suportar a especificidade de cada arquivo. É como se se perseguisse uma sistemática arquivística que pudesse contar, por encima, com o bom senso e o alto conhecimento do arquivista no referente a seu próprio arquivo, para então ser aplicada.

Especial destaque é dado ao que a autora chamada *O Terceiro mundo dos arquivos* (p. 59-76). Não se trata de *Arquivos no Terceiro Mundo*, tema já tantas vezes abordado, especialmente por arquivólogos franceses. Estão em pauta, sim, aqueles arquivos que, dentro de um mesmo país, estão em condições de marginalidade por sua dependência, pobreza de pessoal qualificado e de recursos econômicos, em relação aos demais. Em Espanha, o problema patenteia-se claramente, na diferença de tratamento e recursos que recebem os chamados Arquivos Gerais ou Nacionais (o Histórico Nacional de Madrid, o de Simancas, o de Índias em Sevilha, o Geral da Administração em Alcalá de Henares) e os pequenos arquivos provinciais.

Neste mesmo capítulo sobre tipos de arquivos, não poderíamos deixar de dar realce ao artigo que mais de perto toca à Arquivologia brasileira. Trata-se de *Una experiencia archivística interesante: el Prearchivo en Brasilia* (p. 76-9). É, mais que tudo, um comentário acerca do convênio que deu início à implantação do Pré-Arquivo, que sabemos hoje já em vigência e atividade, embora sofrendo toda sorte de dificuldades no que tange a recursos e pessoal especializado. Vicenta Cortés vê no fato de se criar condições para o atendimento à consulta à documentação administrativa em locais adequados, enquanto se aguarda o prédio próprio, uma "medida inteligente para buscar salida a una situación difícil".

A real situação dos Arquivos Nacionais na América Latina e do sistema arquivístico dos vários países pôde ser constatada pela autora quando, a cargo do Programa da OEA para Desenvolvimento dos Arquivos, percorreu as várias capitais, visitando arquivos e entrevistando-se com seus respectivos diretores. O informe daí resultante, apresentado em 1979, nos é altamente esclarecedor. Dá-nos conta, especialmente, da situação arquivística da Venezuela, Brasil, Argentina, Peru e México.

A matéria restante versa, fundamentalmente, sobre arquivos de Espanha, com exceção do exaustivo trabalho sobre mapas e planos e a documentação colonial do Arquivo Nacional da Colômbia, arrançados e descritos pela autora durante a vigência de seu comissionamento naquele país.

Na medida em que aborda questões ligadas a pessoal de arquivo (seja tratando da necessidade de seleção, seja propondo currículos de ensino de arquivologia) e trata da pesquisa histórica tal como se desenvolve nos arquivos peninsulares, a obra interessa aos arquivistas brasileiros. Isto porque a Dra. Cortés apresenta os temas didaticamente, como lições teóricas nas quais cabem os exemplos (rastreados, é claro, no meio que conhece e no qual ocupa posição destacada).

Da mesma forma, chamamos a atenção para um tema pouco abordado pela Arquivologia brasileira, mas que é de fundamental importância para a satisfatória descrição dos documentos, ao se elaborar instrumentos de pesquisa. Refiro-me à tipologia documental. Nas p. 3-9 e 318, através dos tópicos *Las series documentales*, *Tipos documentales* e *Las fuentes documentales y sus posibilidades*, discutem-se os vários tipos de documentos administrativos, que nos podem ser de grande utilidade. Afinal, em Diplomática, somos todos herdeiros das Ordenações Filipinas. . .

Ao lado dos manuais da Associação dos Arquivistas de França, do da Associação Holandesa, do de Tanodi e do de Schellenberg, este *Materiales para un Manual* de Vicenta Cortés Alonso passa a integrar o elenco de leituras básicas, as quais o arquivista de nossos dias não pode, de forma alguma, dispensar, sem graves prejuízos de seu desempenho profissional.

**Sugestão aos
arquivistas:
peguem parte
do seu dinheiro
todo mês
e arquivem
na letra P.**

Poupança, Caderneta de
Quem poupa conquista o que
a vida tem de melhor.